

Reflexo dos Gatos . . .

6

animaplan

JO

Foi um sono profundo, de um ano e sete meses. Mas o importante é que ele está vivo, são e salvo. O JORNAL DO CRUSP existe desde novembro de 29, quando publicou-se o "UM PEIDO NO ESCURO" (Nº 1). No apogeu dos atentados sobrou até pro Crusp uma festa, na ciência social e política, em abril de 80, elementos num corcel branco, saltaram bombas de gás lacrimogênio pra nos assustar. Nesse momento os policiais do campus desapareceram. Nós não deixamos barato: saiu o "UM PEIDO NO ESCURO" (Nº 2), a edição bombardeada! No dia do aniversário de retomada em 8 de novembro de 80, saiu o "CARENTE E O Crusp" (Nº 4).

Em julho, publicamos

camos o nº 5, "EMBUSTE", que em seu editorial dizia o seguinte: "...A burguesia está lentamente decadente, tanto quanto o seu sistema político-social falido. Ruirá..., hoje, amanhã, no conto de um poeta louco, ou nas suas bases econômicas."

"Marr, Antão Reich, Foucault, Maïakovski, o socialismo, estão aí." "...Trepidante mente caminhamos, ora para a revolução transcorrente,..." "e se continua a existir, dentro dos nossos sonhos revolucionários, o discurso burocrático, a exigência capital e a lucida-loucura-sobrevivente crítica das idéias de socialismo utópico-, temos que superar-nos a cada momento..." (Luís Preto)."

A quinta edição, "TRIBUTO AO GUETO?" contou com uma equipe especializada de redatores, a maioria estudantes de jornalismo.

Desde o começo o Jornal do Crusp

foi aberto a todo tipo de idéias, variando do lúcido, ao engajado, do eu, o nós, o tu. O verso do poeta, a análise política, a reportagem, um fragmento de discurso, tudo é motivo pra se fazer um jornal. Ler estes jornais é conhecer um pedaço, o dizível da história do Crusp. Uma história que oficialmente se desconhece, mas que nem por isso deixa de existir e repercutir.

REFLEXO DOS GATOS, a sexta edição do Jornal do Crusp, tá saindo agora porque antes não deu: muitos se omitiram, outros não tiveram saco, ou simplesmente não quiseram e uns poucos sobre-carregados,

assumiram, lembrando um ditado chinês que diz: "se quiser algo, convoque os mais ocupados, os outros não terão tempo." Publicamos o que recebemos. Pro nosso muy amigo de Barcelona, aquele abraço! Esperamos que ele já não precise hambrar los gatos, en los tejados de las calles. Como vai a "Associação Amigos dos gatos?" Eles têm aumentado no Crusp e estão na espanta! Noite adentro. Intensa neblida.

Tempo e espaço bailan etilicamente. As nuvens invadem a terra bebada, e o paraíso. Pela enésima vez vou cruzar o túnel do tempo. Rapidamente um deles surge, uns famintos outros amáveis. No fundo, na sua retina, esconde-se todo um mistério.

EXPEDIENTE

Editores: Roberto, Júlio, Alê e Inês
Textos: Malafaia, Lúcio, Pauer, Praxedes, Inês, Roberto, Elmo, Márcia, Hélio, Antonio, Julian, Amir, Mineiro, Kasper, Jair, Taba, Berton
Ilustradores: Fulvia, César, Márcia, Eloiza e Lurdinha
Diagramadores: Roberto e Júlio
Colaboradores: Daniel, Valeria, Carolina, Gilberto, Mário Loiro (Obrigado pelas chapas!), CEFISMA

CAPA: André

REFLEXO DOS GATOS - JORNAL DO CRUSP - Nº 6
PRIMAVERA - 82

E E
D D
I I
T T

O O
R R
I I

A A
L L

Hasta quando cruza la calle los niños me miran con malos ojos. Y no hay nada peor que una mirada torcida de niño, lo juro. Si ellos lo toman ojjeriza a uno ya está acabado. Su historia no vale um pimiento.

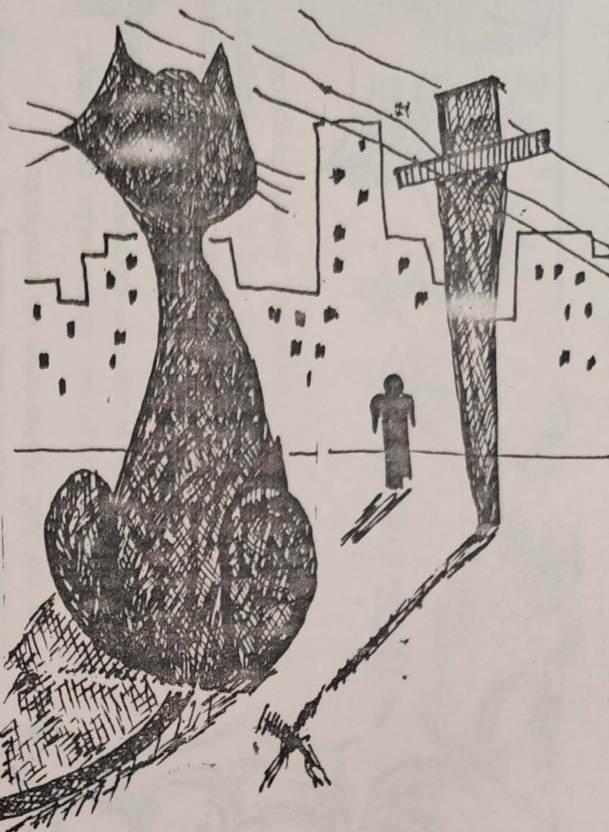
Por esto me duele que los niños se olejon de mi y me griten come gatos.

No voy a negar que me gustan los gatos. Bien cocinados son un plato exquisito. Su carne es blanca como la leche de una mujer. Con uj ajillo o un poco de pimienta negra sabe a gloria. Lo sé. Los he comido años y años. Ahora ya no quedan. Y si quedan los guardan a mi ávida búsqueda.

Ya he dicho que como gatos, si los encuentro. ¿Qué mal hay en ello? ¿No son acaso como los conejos? ¿No se come todo el mundo al conejo, incluso el que se cría bajo la mirada feliz de los niños? Pero comer conejo no ofende a nadie. Comer gatos sí, es un estigma o algo así.

Yo, de muy jôven que como gatos. Empecé cuando estaba sin trabajo y las tripas me roían. Uno debe sobrevivir. No importa con qué.

Comí gatos toda la vida. Incluso hervidos, con col. Es un áspero menú, pero cuando uno tiene ham-



bre todo sabe bien.

Aquí, en este barrio habís muchos gatos. Cuando me vine a vivir aquí fue un descubrimiento. Cada caís un gato o dos. Fue una buena temporada. Pero al fin la esto se acabó. Escasearon los gatos y creo que alguien los escondía. Hay gente así.

Ahora no quedan gatos en este barrio. Ni pequeños. Ni nacen, creo. Pero los niños me gritan come gatos, como si fuese yo un ogro, talmente. Y juro, que no como gatos.

No es que no los comería - que este es una debilidad que uno no puede evitar -, no es que no los comería, pero es que no los encuentro. Tanto dá que salgo a medianoche por los tejados y vaya con mi suave misino, misino. Como mas me contesta la voz de una doncella. Pero no es un gato. Um gato siempre será una cosa distinta.

Ahora he formado el grupo "Amigos de los gatos" y nos reunimos cada primer domingo de mes a la tasca del Agustin y nos zampamos un gato. Nos los treen unos gitanos que viven por las afueras. Hemos puesto un anuncio en un periódico pidiendo gatos. Porque cada dia somos mas los del grupo. Y, tal como suponía - esta carne gusta tanto que muchos socios han propuesto celebrar reuniones todos los domingos.

JULIAN

GUSTEMS

mis
misinos
amados

nacos de

nuvem

Formato de sonho

Reje sonhei
Confusos sonhos, escuros, perdidos
em meus pensamentos.
Já não sei se sonhei ou se pensei
no que son ou serei
Realidade se confunde com fantasia
Fotos escuras de árvores sobre a mesa
se confundem com fotos reais vistas na véspera.
Rostos se perdem, se buscam,
lugares se acham, se envolvem, se contorcem.
Confusões mentais, ambientais, se tornam presentes
Cabelos longos, curtos, rostos ausentes
Loucura frequente, Danilo presente
Algo estranho no ar, minha cabeça parece estourar.
Estranho ciúme, não consigo compreender
Como sentir perda do que não se chegou a ter
Pouca luz, muita sombra, muita luz
claro, escuro, tudo parece estar muito obscuro
Apartamentos celados, esfaquiados.
Remo, Ari, Inês, Eni.
Acordo cansada,
A janela está preta,
Não consigo ver, entender,
Puxo a cobertura
Minha lucidez tento encontrar
me perco no sono
e mais uma vez torno a sonhar.

27/07/82

MÁRCIA - 506 - A

BOMBA DE NEUTRONS

Se qualquer noite escura destas
te surpreender umclarão no céu,
a 900 metros de altura,
olhe bem pois pode não ser
a lua surgindo entre nuvens.

Se sobreviveres ao impacto,
ao calor e à dor em teu coração
aproveite bem os dois dias
que a irradiação radioativa
te permitirá viver em lenta agonia.

Mas não te preocupes.
Todos os teus bens,
laboriosamente acumulados
em anos de trabalho,
permanecerão intactos.

HÉLIO M. CANEMA

AURORA TROPICAL

Não temos nomes: isto é lírico?

Ah o vento das nove horas me lambe, com sua língua
sutil. Mas vemos transplante de coração, de córneas,
computadores de quarta geração, plásticos.

Ah Rimbaud sussurra em nossas orelhas
suicídios metronímicos, refinadíssimas cabalas.
Poeta imprimo-me a quatro cores: agora sou
azul cosmos. Leio as receitas de guerrilha
disponíveis, mas nenhuma inclui
meus ingredientes básicos. Nós, brasileiros,
somos os mais recentes bárbaros do planeta,
mas nos vestimos de jeans, aros de ouro,
brincamos com telefone, intelsets.
Esta bolsa transborda de exóticos:
parisienses, italianos, suecos, muçulmanos,
pilhas de rádio, sapos palradores,
restos de príncipes, insetos. Hoje,
vou esquiar nas nuvens. Amanhã,
greve no ABC. Lincharam um prefeito

na Baixada Fluminense: estou meio sem graça
pois negaram-se a comer o cadáver.

Porque? Se nossos nomes forem divulgados,
quem se sentirá sob execração? Anuncio o futuro
como quem compara ketchup com o rubro espectro
das manhãs de sol nascente: aurora tropical.

Amir Vieira

BLOCO B PARA MORADIA!

Apartir de 11-03-82 o 1º andar do bloco "B", após duas tentativas frustradas, voltou a ser moradia estudantil e o CRUSP entra numa nova fase. Foi necessária muita briga e discussão, muita disposição e energia para que juntos, antigos e novos moradores alcançassem essa conquista.

O "B" foi diferente desde o começo. Iniciando a convivência novos-velhos cruspianos no acampamento de frente à reitoria com festas, discursos e polêmicas, atingindo o seu auge no dia da invasão com gente brigando com o porteiro e outros tentando subir pela escada de incêndio. Inesquecíveis os dias de "rango coletivo" que foi feito pelos provisórios moradores enquanto a seleção transcorria e até um pouco mais além, em que foi conseguido o fogão da Tico emprestado e colocado na "cozinha" do apto. 101. Cada dia um fazia a comida e todos contribuíam com o que pudessem. O ato da "ceia" era divertidíssimo, mais parecendo uma grande família reunida.

Muita coisa mudou. Quase todos os apartamentos já têm sua infra-estrutura básica + fogão e chuveiro. A briga atualmente é com as divisórias - a dificuldade de se conseguir material na própria universidade, as "faixas" e os "barracões" não são muitos - mas a briga está sendo encarada e resta a esperança da ajuda da burocracia com as reformas.

O fato inédito de no 1º andar do bloco "B" entrarem só novos moradores criou, como podemos ver, uma grande vivência entre os próprios moradores. Na maioria juntos desde o começo, não enfrentaram dificuldades no relacionamento com os vizinhos. Já se conheciam ou do acampamento/invasão, ou do processo de seleção, ou mesmo num bate-papo doído enquanto esperavam seu banho no primeiro ap. a ter chuveiro quente, o 110.

O "pique" de "ponta de lança" do movimento moradia do bloco B não caiu, como muitos pensam. Está aceso mais do que nunca com a retomada do 3º andar, clima este já compartilhado com os muitos "hóspedes" que esperam sua vaga no "B".

Agora, com a cogitada transferência de antigos moradores do bloco F para o "novo" 3º do "B", espera-se que este aumente sua força célúrica e nos curtamos mais do que nunca.

O B TODO para MORAR!

TOC - TOC - TOC
DOT - DOT - DOT
...via repetida...
...ação e...

Meu sapato
passo meu na calçada
a cabeça de sino. Em minha
soando a cada passada. Atrasada, com
colisão. Percussão linear. E mecânica.
O pontesirinho marca as horas certas, mas a
per minuto.
- Cucu! Cucu! Cucu! Cucu! Cucu! Cucu!
Novamente a certeza que o Big-Ben é a maior ave do mundo.
Fim de tarde. de outono. O sol se punha! Aquela boca vermelha
sensual no céu. Era delirante de se ver! O baton original sobre mim. Uma
sensação violenta-doce atravessava todo meu corpo e ia morrer na praia,
aos pés dos coqueiros baianos, de tão grande que era. Tiqui! arrepiado
de prazer. Espumas de algodão aparecidos eram suficientes para tirar o
Nem todos chumaços de algodão apaixonada. De azul o céu ficou foi ver-
melho.
O céu é o cu do mundo.

Em toda loucura uma razão, Assim falou Nietzsche. Como um automóvel elétrico a frase passou. Já tinha um destino certo. Os automóveis não passavam. A cidade monumento estava ôca. De pé e morta.

TOC - TOC-TOC
DOT - DOT-DOT

Associação dos ex-alunos da Getúlio Vargas; Brilhava nas
tras metálicas. O velho casarão resistia ao tempo. Silêncio, ia
dando a cor - já predominava o cinza - mas não perdia a pose. Como
tempos do café, permanecia ereto, rijo. Todo cinza. Cinza-fuerça-de-ca-
no-de-descarga. Chumbo desinteressante e vazio.
Uma observação mais apurada muda sempre o ritmo do coração. In-
finitésimos de pedaços de segundo. A esperança era... Batia acelerada
no peito. Com caracteres de segundo. Eu adorava arrancar musgos quando cri-
uma colônia de musgos, vivinha-da-silva-xavier. Visualmente perfeito: o
vivo verde-claro sobre o (mundo) fundo negro. Fitando o painel, fui de-
le ao homem. E sorri sobre a encabulado. Explodiu o motor de um carro na aveni-
ança. O bom humor do destino é grande. Não quero. E molduro a penúltima imagem e a coloco sinetricamente en-
da. A barba cresceu novamente e ficou de molho. Volto a ouvir buzinas.
Não quero. E molduro a penúltima imagem e a coloco sinetricamente en-
frente ao lugar da poltrona grande de minha mente. Ao sôto das fotos
de casamento!

MINEIRO

MANIFESTO PELO DESCRIMINALIZAÇÃO

Considerando que:

- o uso da maconha é um costume amplamente difundido em todas as camadas sociais do país.

- a legislação "anti-tóxicos" considera a maconha "uma droga perigosa".

- esta lei permite às autoridades policiais exercerem o abuso do poder (como é documentado pela imprensa), em geral extorquindo ou agredindo o usuário.

- essa repressão ao uso da maconha, tanto policial quanto cultural (ideológica), tem acarretado problemas psicológicos, familiares e sociais ao fumante de maconha.

- a maconha não causa dependência física, e que estudos científicos mostram que o uso da maconha não leva necessariamente a danos à saúde.

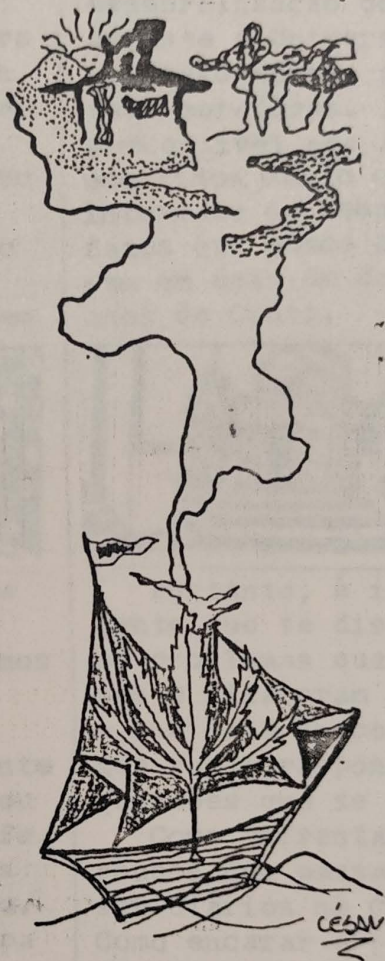
- existe um forte preconceito (de classe média) em relação ao "maconheiro", que é considerado um criminoso (e pecador).

- todo indivíduo deve dispor de sua própria liberdade da forma que bem entender (sem prejudicar o outro). Tendo o direito a alterar sua consciência.

- os altos lucros provenientes do tráfico da maconha estão intimamente ligados com sua proibição...

Defendemos:

- a reformulação da atual legislação sobre tóxicos.
- a descriminalização da maconha, ou seja, que a posse de pequenas quantidades não seja crime passível de prisão (ou multa); que o uso da maconha deixe de ser assunto da área criminal.
- que o plantio doméstico seja dissociado legalmente do tráfico.



Propomos:

- a criação de uma Assessoria Jurídica para a defesa do usuário detido, agredido ou extorquido pela posse de maconha.
- a formação de uma Comissão Científica de estudos interdisciplinares sobre a "Cannabis" (maconha).
- o lançamento do Movimento pela Discriminalização da Maconha... (cujo objetivo é...

SP, 17set82

por que esta preocupação agora?

Como vai ser esta organização?

São duas perguntas que estão sendo repetidas constantemente pelos corredores e apartamentos do Crusp. As respostas são tão evidentes que parece que não as vemos.

Vêm de longa data, as tentativas de se insinuar no Crusp uma organização que responda aos anseios de Cruspianos, burocracia (Reitoria - Coseas) e universidade. A desorganização no Crusp hoje é tão expressiva que a buro



cracia chega a pensar que essa organização existe secretamente e não ventila no exterior do Crusp.

A nossa desorganização é notória e detectável em qualquer canto destes prédios. Existem várias teses que tentam explicar o seu motivo, mas nenhuma abrange na totalidade, os pontos fundamentais. E talvez deveríamos montar nossa plataforma de organização encima desses pontos julgados fundamentais. Mas torna-se repetitivo e difícil. Todas as tentativas de se levar adiante um ti

po de organização séria e, principalmente, respeitada pelos moradores, falharam por terem sido colocadas através de discursos teóricos e fictícios, muitos deles alheios à realidade do Crusp. Portanto, urge e se faz necessário, para sairmos da ameaça de implosão iminente que ronda o Crusp e para que não percamos todo o trabalho desenvolvido antes e após a primavera de 79, uma plataforma de propostas tomando como linha diretiva os problemas que afetam o Crusp atualmente.

Foram-se os bons tem



pos (leia-se Reitoria Antiga) em que nós, Cruspianos, propunhamos nossas idéias a uma administração que se atropelava internamente para nos responder, ou para nos contrapor, fazendo uso de todas as armas de que dispunha. Nós nunca nos preocupamos com as pessoas que circundam o reitor. Hoje, com pouco mais do que uma resma de papel e alguns discursos legalistas, porta-vozes da Reitoria conseguem por em pane toda a existência Cruspiana; com pouco mais de uma tonelada de areia e algumas

chapas de compensados eles conseguem fazer-nos perder noites de sono. Foi-se o tempo em que nós empregávamos o lema do militarismo: "Enquanto eles estiverem preocupados, nós estaremos tranquilos".

Existe uma campanha, por parte da Coseas, de desmoralização do Crusp perante a Universidade e, logicamente, perante seus moradores. Isto é perceptível nos fatos ocorridos neste curto intervalo de tempo, fatos que nunca ocorreram em mais de dois anos de Crusp.



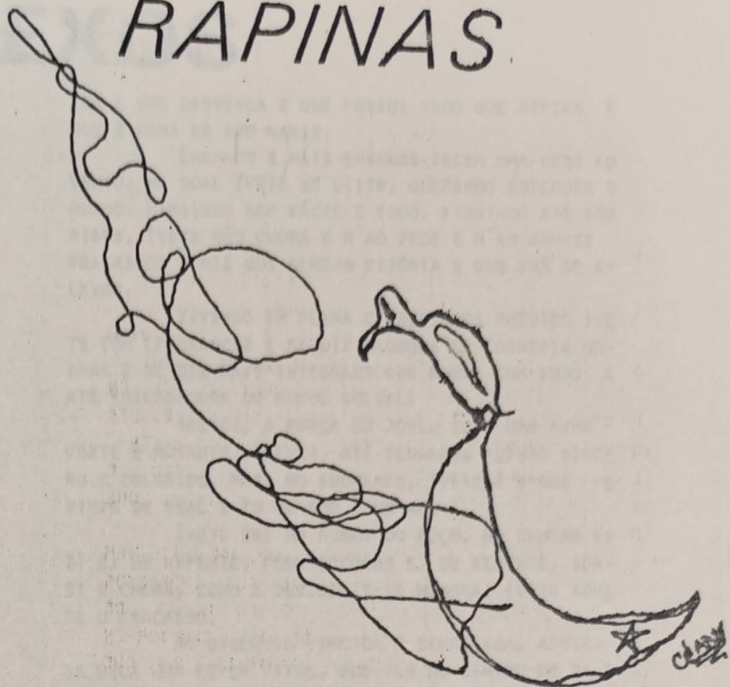
Portanto, é importante que se discutam os problemas que atualmente dilaceram o Crusp e que cada proposta que surja responda às questões que se seguem:

Como enfrentar os roubos que passaram a ser diários no Crusp? Como encarar a proposta da Coseas referente à portaria? (Na minha opinião, a portaria deve ser repelida consensualmente, e se alguém estiver interessado em saber por que, basta ler o relatório do inquérito da Polícia Militar de 68-69.)

Que apoio o Crusp

ORGANIZAR

VÔOS E RAPINAS



Paralelamente à guerra da Coreia existia o pensamento mudo, silenciava-se gritos em aparências perdidas. Macartismo, família "célula-mãe", padrões absolutos, coesos, radicais, inquestionáveis. E equidistante entre a prisão e a loucura, o artista gritou: Não é meu este tempo de corpos exânicos!

Esfuziante. Ser jovem, verdadeiramente jovem. Incorporação estranha, tristeza alegre, rejeição. Sem aparências, selvagem, batons nos lábios da insegurança íntima. Ser jovem, dilaceradamente jovem. Cagar na cara do mundo regrado, assumir a sede do tumulto e violência, delirar nos conflitos fantásticos e audaciosos onde arriscar a vida constitui o único canal de perspectivas. - Uma linguagem.

Na última época da história, surge-me - um rebelde, desnorteado, frustrado, paranóico, - marginalizado, lindo. O que não quer saber de coisa alguma. Sem justificativas, sem explicação. Alguém do mar, desprezado pelo egoísmo lógico, de ainda muitas ilusões. Ainda irado, drogado, desajustado já agora, romântico. Aquela que, esquecendo o raptus, caminha pelas ruas impressionistas querendo fantasia. Retira o óculos escuros, - céu azul, terra verde, o sol, descoberta. É como que peca contra si mesmo, segura a cabeça com as mãos: EU AMO. E amaldiçoando o que sente ou pensa sentir, transe draconiano, imagens. A asa delta, imponente, sem forças para o voo. Aviões de ácidos devorando as estradas para as entregas. O ópio, o ócio, o torpor, a sede, a angústia. A invasão dos bancos e joalherias, as bombas explodindo

os quartéis, armas no corpo, palácios, congressos, templos, laboratórios, sangue e sofrer, morte. Lá grima amedrontada de amor, balbuciar: eu amo.

Surgiu-me o jovem em lugar distante, longe dos olhos que não conseguem além do visível, onde os recortes do lixo não conseguem penetrar. E na praia, disco prateado, a música da noite abençoando a cópula, ele penetrou e se transformou em mim. Sem medo algum, destruí abutres e resolvi pagar o amor.

ELMO

A Gravata Azul

Jair Humberto Rosa

Sou triste e tenho uma gravata azul. Mas a minha gravata azul não é triste. Só eu mesmo é que sou triste.

Os olhos da minha namorada também são azuis e não são tristes, tristes são os meus, que são cinzentos, cor de tristeza.

A minha gravata azul é sozinha e está suja e enbebada, mas não é triste. Eu gosto dela e nunca vou comprar outra.

O meu chefe já me mandou comprar outra, porque a minha está muito feia, mas eu não acho que ela está feia e não vou comprar. O meu chefe também tem os olhos azuis, mas como eu não gosto dele não posso dizer se seus olhos azuis são alegres ou tristes.

Quando comprei a minha gravata azul, eu já era triste e a gravata já era azul e não era triste, por isso eu quis comprá-la. Eu não gosto de coisas tristes.

Trabalho numa loja, por isso tenho de usar gravata, mas não me queixo. Eu amo a minha gravata. Eu amo também a minha namorada porque ela tem os olhos azuis. Mas o

meu chefe também tem os olhos azuis e eu não gosto dele, porque ele fica censurando a minha linda gravata. Falou para que eu comprei outra azul, mas não adianta ser outra azul. Uma gravata azul é apenas uma gravata azul. Só a minha é que é bonita, mesmo suja e enbebada.

Quando eu choro no banheiro da loja enxugo as lágrimas na minha gravata. Se me perguntam o que foi eu digo que estava lavando o rosto e pingou água na gravata. Mas no banheiro saio sorrindo feito retardado, porque trabalho numa loja e sou obrigado a sorrir, porque os fregueses não têm culpa de eu ser triste e se eu não sorrir o meu chefe me põe no olho da rua.

Perguntam-me porque eu não tenho os olhos azuis, se meu pai os tem e minha mãe tem os olhos azuis mais lindos do mundo. Acho que, de tristeza, os meus olhos, que eram azuis, ficaram cinzentos.

Tenho vinte anos e trabalho numa loja, onde tenho de sorrir o dia inteiro, porque senão vou para o olho da rua, mas o meu chefe tem quarenta e cinco e trabalha na loja há vinte anos e não fica sorrindo. Ele é ranzinza e não gosta de mim, por causa da minha gravata azul. Ele sabe que, tenho de

escolher entre o emprego e minha gravata - nha, eu mando ele e o emprego para os quintos do inferno e saio tranquilo com a minha gravata. Porque empregos existem muitos, mas a minha gravata azul é única e eu a amo como amo a minha namorada que tem os olhos azuis.

Um dia eu vi uma borboleta azul e tive vontade de ser uma borboleta azul. Mas depois, eu pensei bem e achei que melhor mesmo era ser a minha gravata azul, porque ela não tem de ficar sorrindo o dia inteiro, mesmo sendo triste e tendo vontade de chorar.

Faz tempo que tenho comigo uma vontade, uma quase obsessão: erguer um monumento à minha gravata azul. Mas sou apenas um empregado da loja e não tenho amigos, porque sou triste e tenho gravata azul e as pessoas não gostam de gente tristes e nem da minha gravata azul, porque ela está suja e enbebada.

Mas não fui que a fez ficar assim, porque eu a amo demais para fazer isso e as lágrimas que enxugo nela não a sujam, porque são puras. São os outros que a fizeram ficar suja e enbebada.

Um dia eu quero deixar de ser triste e sorrir sem ser obrigado. Mas isso só quando a minha gravatinha azul for aceita. Só quando ela for aceita.

REFLEXOS

malafaia

IVETE TINHA UM SORRISO TERNO E SÍMPLES, BELO E LÍRICO.

TODO O SENTIDO QUE NÃO FAZIA O TODO, TQ DA A DESCREPANCIA DA REALIDADE, QUE SE AFIGURAVA MONSTRUOSA ANTE OS OLHOS CLAROS DELA, PROSEGUIAM EM IMAGENS DEMOLIDORAS, DENTRO DO SEU INTERIOR.

IVETE TINHA NÃO SEI QUE VONTADES DE ENTENDER E UM MUNDO DE INCOMPREENSÕES QUE LHE ESGOTA VA OS PENSAMENTOS, IVETE TEM UM QUÊ DE NÃO SABER-SE ONDE, COMO OU PORQUE DE SE PERDER NO LÓGICO E SE ACHAR NO TRANSPARENTE DO INCERTO, NO ERRO, QUE LHE CONDUZ A NÃO SE SABE ONDE.

O MUNDO TEM UM JEITO FÁTUO, UM JEITO SEM CARINHO DE SER DESAJEITADO, FRENTE AOS INDEFESOS DISSO TUDO; DESSE NÃO SABER-SE COMO, OU MESMO DE ENTENDER DE AGORA, NO MOMENTO, DE VIVER SEM TORMENTOS, POR ESTARMOS AMEDRONTADOS DIANTE DE TUDO, QUE É TÃO POUCO.

MUITO HAVERIA DE ENTENDER O SENTIMENTO E DE SANGRAR A CHAMA PRIMEIRA DE SEU DESPERTAR MORENO. TINHA UM DIA E UMA NOITE PELA FRENTE E SEMPRE MAIS UM DIA E UMA NOITE PELA FRENTE E SEMPRE.

MUITO TERIA QUE CHORAR O HOMEM DO PRESENTE E MUITO MAIS QUE TEMER, ANTE A SUA INCAPACIDADE DE ENTENDER, GESTOS DESMEDIDOS DÃO A QUANTIDADE E XATA DA REGRA E DA ESPESSURA DO ESPAÇO QUE NOS PRENDE, ATA, ATROFIA E DESNORTEIA.

- AH, IVETE, IVETE!

PROCESSAM-SE DIAS AFORA E A GENTE TENTA RECONSTITUIR OS FATOS E TENTA SER COMPLETO ANTE TANTO E, PERANTE TÃO POUCO, É COMO SE FOSSEMOS MENORES DO QUE O QUE REALMENTE SOMOS.

COMO UM RIO, A VIDA SEGUE SEU CURSO E SE BATE NAS PEDRAS DO SEU LEITO PROFUNDO, COMO A DESVIAR SEU RUMO, COMO A NOS TIRAR DO SÉRIO E NOS NIVELAR DE FORMA INSEGURA SOBRE ALIÇERCES FALSOS E TEMEROSOS QUE OS SÉTIMOS CÉUS CAIAM SOBRE NOSSAS CABEÇAS E NOS COMPRIMAM CONTRA O SOLO E NOS INUNDE COM UM MAR DE ROSAS.

DESDE O PRINCÍPIO, ESGUEIRANDO-SE PELAS SOMBRAS DOS CANTOS DEFENSIVOS, IVETE SE MOSTRA E SE ESCONDE COM O SORRISO E FAZ DO CORPO SEU ESCUDO SEM JAMÁIS ENTREGÁ-LO A ALGUÉM.

COMO SE FOSSE FÁCIL, FINGINDO DOÇURA E ENCANTO, IVETE DIZ QUE BUSCA E QUE ENCONTRA, DESCOBRE E VASCULHA, QUÊ MIRA E QUE ABSORVE, QUE PENE

TRA E QUE DESVENDA E QUE POSSUI TUDO QUE ASPIRA E QUE É DONA DE SEU NARIZ.

ENGANOS E MAIS ENGANOS TECEM UMA REDE AO VENTO, NA QUAL IVETE SE DEITA, QUERENDO ENTENDER O MUNDO. FINGINDO SER FÁCIL E TUDO, FINGINDO ATÉ SORRISOS, IVETE NÃO CHORA E NÃO PEDE E NÃO ADMITE FRACASSOS E DIZ QUE ALMEJA VITÓRIA E QUE IRÁ SE ELEVAR.

VIVENDO EM PLENA CIDADE, DOS PRÉDIOS IVETE TEM LEMBRANÇAS E SE DIZ SAUDOSA DA CORRERIA URBANA E SE DIZ MAIS INTEGRADA QUE MUNCA COM TUDO E ATÉ ENTENDEDORA DO MUNDO SOCIAL.

TALVEZ, A FORÇA DO JOVEL, SEJA UMA ARMA FORTE E MUTANTE. TALVEZ, ATÉ TENHAMOS FUTURO SINCEIRO E COLORIDO, MAS, NO ENQUANTO, IVETE É O QUE EXISTE DE REAL E EU ME AMO E ME AMO.

IVETE CAI NO FUNDO DO POÇO, NO CENTRO DE SI E, DE REPENTE, PEDE SOCORRO E, DE REPENTE, SORRI E CHORA, COMO A DESCOBRIR-SE HUMANA: IVETE ADMITE O FRACASSO.

AO DIZER-SE VENCIDA E DERROTADA, APOSSA-SE DELA UMA FORÇA VITAL, QUE VEM DO CENTRO DE SI E ELA SE TRANSFORMA E ELA CONSTRÓI E DESTRÓI, CONFORME VONTADE PRÓPRIA.

O TÔDO É PODRE E IVETE JÁ SENTE O CHEIRO SENTE O GOSTO AMARGO DO REAL, QUEIMA-SE NAS CHAMAS DOS PRECONCEITOS, ENQUANTO OUVI AS TOLAS VERDADES E MIRA A BELEZA DO INTERIOR HUMANO.

VASCULHA, MIRA, PROCURA, ENLAÇA-SE COM OS TORMENTOS, MERGULHA NO MAR DE ROSAS, SOBE AOS SÉTIMOS CÉUS, AO ATINGIR O ORGASMO.

DESCORTINA-SE O PALCO DO PRÓPRIO INTERIOR E A CENA É DE VIBRAÇÕES E SENTIMENTOS BALANÇANDO O CORAÇÃO E SUSTENTANDO-SE SOBRE O NOVO ALICERCE.

IVETE PROVOCA MEDO EM OTELO. ELE SE ESGUEIRA NAS SOMBRAS E SORRI ENQUANTO DEFESA, ATÉ QUE: NUMA BELA TARDE DE SOL, ELE CAIU NO FUNDO DO POÇO. ENTÃO, HOJE, ELE SE DEBATE NO PRÓPRIO PEITO.

IVETE SORRI, DE VEZ EM QUANDO, COM MUITA MATURIDADE E DE FORMA SINCERA.

HOJE, IVETE CHORA E AGRIDE O SER HUMANO, PONDO AS SUAS VERDADES ANTE AS VERDADES TOLAS DO MUNDO. IVETE CRESCER MAIS QUE TUDO E A SOLIDÃO LHE ACOMPANHA, APÓS A CAMALEADA INTERIOR, QUE DEU A SUA ESSENCIA UMA NOVA FORMA E UM NOVO CONTEÚDO: OUTRO PERFUME E OUTRA COR.

HOJE, IVETE ESPERA QUE TODOS CAIAM NO FUNDO DO POÇO E MERGULHEM NO MAR DE ROSAS E SUBAM AO SÉTIMO CÉU, APÓS ATINGIR O ORGASMO.

HOJE, IVETE AMA.

todos os vícios
nos salvam
salvo a
covardia
dos omitidos
por própria
consciência

todos os vícios
nos salvam
salvo
a profundidade
das palavras
que querem chegar
a algum lugar

todos os vícios
salvo
nos salvarem
de tudo
agridem
os espíritos universais
a totalidade

TABA

O CRUSP

pode oferecer aos departamentos de Letras na continuidade de sua luta por um prédio próprio?

Como legitimar às Assembléias de Crusp?

A questão de hóspedes no Crusp, fator que algumas pessoas associam diretamente aos problemas que enfrentamos ultimamente.

Como se posicionar frente aos não-estudantes que se hospedam por longos períodos no Crusp? Este tem sido o nosso ponto vulnerável em discussões com a Reitoria. (As explicações desta fobia por não-estudantes da parte da



burocracia é perceptível no relatório do inquérito da Polícia Militar de 68-69.)

Que fazer perante a posição da Coseas quanto ao processo de seleção?

Qual o grau de autonomia do Crusp em relação à reitoria e à Universidade?

Como manter o Crusp? Como pleitear verbas e angariá-las para as reformas, manutenção e construções?

Todas estas questões devem ser respondidas levando-se em consideração que o grau de paci-

ência da Coseas supera em muito a milenar paciência chinesa. Hoje, para eles, importa apenas observar, (depois) falar e observar, depois observar, falar e participar. Não creio que nos interesse que eles saibam com quem moramos, com quem convivemos; se os casais do Crusp são legais, se os moradores do Crusp frequentam integralmente a escola, com quantas pessoas diferentes a menina do apartamento de cima dorme semanalmente, quais são meus hábitos de leitura, qual o seu grau de afinidade ao movimen-



to estudantil, quais suas ligações políticas e ideológicas, ou simples questões como a disposição dos seus móveis no seu apartamento, se você cozinha em casa, se você estuda ou simplesmente vive. Se não levamos em conta que eles não têm pressa, corremos o risco de que em algum momento o Crusp ainda exista, isto tudo passe a ser apenas uma extensão da Reitoria ou um hotel universitário onde você pode morar a preços módicos e estudar com a tranquilidade de um

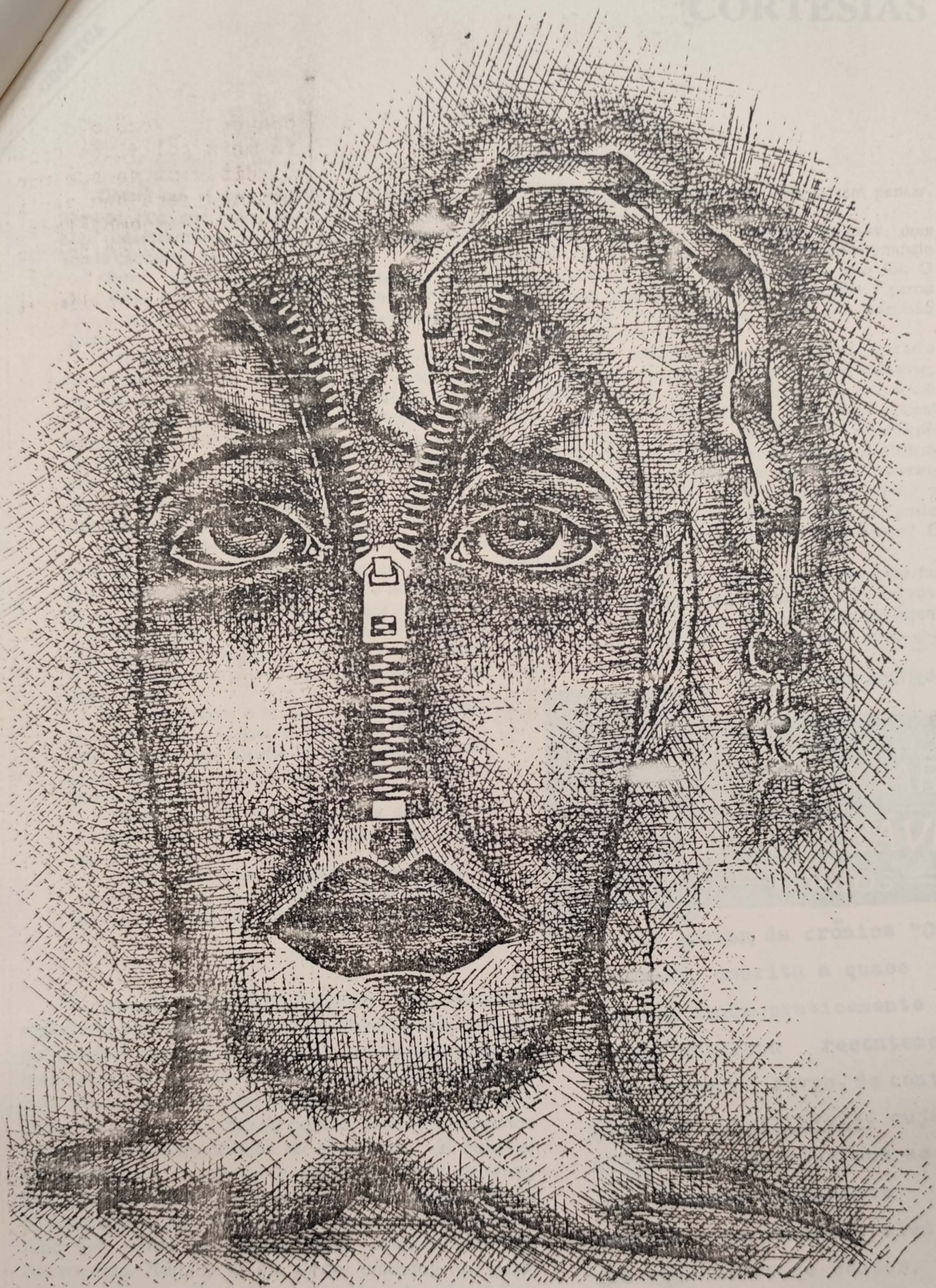
convento. Você não terá mais políticos fazendo discurso na sua porta; não terá que participar de Assembléias; não terá que se preocupar com café da manhã ou com o lençol limpo. Você estará integrado num imenso bloco E, onde sua liberdade é infinita (dentro dos limites impostos por eles da Coseas). Você deixará de ser um repugnante Cruspiano e e passará a ser mais um integrante da tão cobiçada e asquerosa burguesia universitária, renegando até a última instância sua



condição de proletário autêntico.

Por toda essa mordomia você não precisa pagar nada, basta simplesmente outorgar a eles o direito sobre sua vida.

Lúcio
210-A



DESENHO DE LUF DINHA

à crônica CORTESIAS

Ontem me vi com mal antigo: dor de dentes! Diga-se que por culpa minha: detesto dentistas. Meu tratamento que começou há mais de ano estava sendo cabulado um mês.

Ontem, segunda-feira plena, num sol que escaldava e deixa a gente com vontade de dormir em piscina e não fazer nada; nem favor a dente brocado e doído.

Nas quadras perto de casa notei que o lixo não havia sido recolhido, culpa dum gato malcheiroso em lata vermelha de ferrugem. Num quintal galinha iscava. Uma casa velha e linda se inchava em ares de importância histórica, o rachado na parede sorrindo do tempo. As grandes árvores se agitavam no alto: ventava só em cima, em baixo o mormaço. Sôfrego passou um entregador de mercadorias. O coitado parecia um cachorro, a língua de fora.

Não gosto de segunda-feira... não gosto de dia nenhum da semana. Tudo invenção do homem, e tudo martirizando a gente com datas e horários pre-assentes. Mas segunda é pior! Parece sábado... a a gente se acostuma a fazer assim assim, vem a segunda e tóca a trabalhar o ofício. Vem o sábado e deixa a gente passear e dormir tarde, é um desconforto.

E o dente doía e os carros passavam rápidos: as coisas vão e voltam e ninguém pode julgá-las. Não acredito que alguém já perdeu alguma coisa nesta vida, não acredito noutra vida e só com a morte se perde algo.

Perde nada! Se não temos nada depois como estamos perdendo? Perde-se alguma coisa quando há continuação...!

Qual!? Nada de pensamentos agora: estava contando o que houve numa segunda-feira, não divagando metafísicas baratas e sem interesse.

"Fui nascido (16/5/58, em Ituiutaba - MG), batizado, registrado, vacinado, alfabetizado, imbecilizado, tornado pai, amigado e separado, casado etc... — e quero constar o meu desagrado e a minha contrariedade diante de tudo isso. Pouca coisa fiz com real prazer: o amor, quando ainda acreditava na força da paixão, esse livro, algumas poucas, raras experiências de liberdade... Já batalhei lutas coletivas, vitoriosas e inglórias, editei revistas, publiquei trabalhos que pouco ou nada diziam: já fui Quixote e já fui Sancho Pança, e assim deixei de nada ou tudo ser, traído ou traidor, pólis relativa, bailarino esclerosado. Rótulos já me foram afixados na testa; alguns, mesmo contrariado, curti; outros, abandonei; hoje sou pura perplexidade, contradição, ser precário, homem de poucas esperanças. Esse texto poderia ser apresentação ou epitáfio, mas é apenas início e fim, caos."

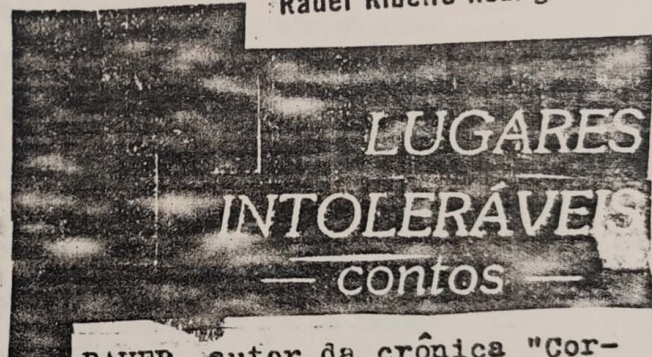
E então eu ia como um mineiro: sem pensar, pensando, vivendo a dor de dentes.

Num entroncamento vinham furiosos dois autos, eu na esquina a espera da oportunidade de cruzá-la. Frearam. Um fez que ia, não foi. O outro ficou olhando, esperando. Veio outro e parou atrás do que havia freado na esquina. Na indecisão dei dois passos à frente...

Um dos motoristas, o que tinha outro carro atrás, polidamente fez sinal que o outro passasse. Eu sorri no gesto, o motorista agradeceu com a cabeça e acelerou rápido. O que havia feito o sinal arrancou pedras e deixou borracha nos paralelepípedos, foi-se. O que estava esperando a desobstrução da avenida gentilmente fez para que eu passasse antes dele. Era um Volks e eu achei bonito o Volks e o motorista simpático. Eu, que não gosto de gostar!... Pensei: será que o Diabo existe? E respondi-me que não!

Depois, sentado no consultório, a boca aberta, um barulho irritando, me machucando os nervos, imaginei que o sujeito que me havia dado passagem fosse político. Não sei se é... se for, acho que nunca votarei nele.

Rauer Ribeiro Rodrigues



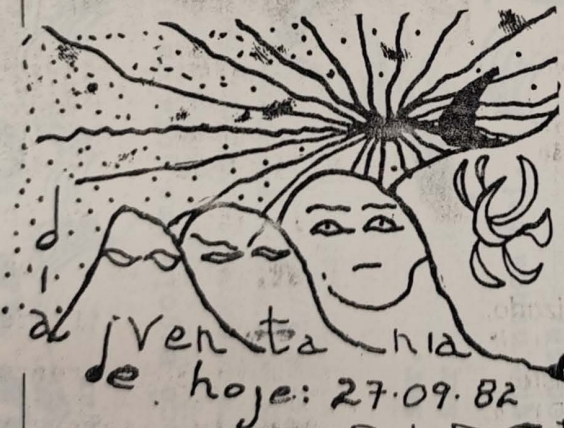
RAUER, autor da crônica "Cortesias", escrita a quase dez anos e ainda praticamente inédita, publicou recentemente seu primeiro livro, de contos, Lugares Intoleráveis, cuja última capa reproduzimos ao lado. Prepara atualmente uma novela e um romance, além de um novo livro de contos, ambos abordando a juventude durante a década de 70 numa preconceituosa cidade do interior mineiro, Noroeste.

TARDE

PORTE IV - A LUZ VERDE NO ALTO DOS REPLETORES VAI FICANDO BRANCA, É CE DO AINDA, MAS O TEMPO ESTÁ ESCURO E O VISUAL CONTINUA MUDANDO A TODO MOMENTO, PASSAM CARROS DE VÁRIOS TIPOS NA 1ª, 2ª, 3ª, 4ª PISTA ASFALTA DA, NAS OUTRAS DUAS O MOVIMENTO É MENOR. PARTE II. UMA PESSOA FAZ GI NÁSTICA, DANÇA OU MOVIMENTA-SE NO GRAMADO EM FRENTE, É UMA UNALOCKE AZUL, VESTIDA COM PLÁSTICOS P/ACHU VA QUE AMEAÇAVA SUA PRESENÇA. SERÁ QUE ELA VAI VOAR? PARA QUAL LUGAR DIRIGIRA SEUS PODERES? MAS O CALOR COMEÇA A AGITAR O MUNDO COM SUAS ON DAS QUENTES DE ENERGIA SOLAR. COR- REM COMPASSADAMENTE NA FRENTE DA JA NELA, PRA LÁ E PRA CÁ, CADA UM VAI A ALGUM LUGAR. DUAS FIGURAS ATRAVES SAM O VERDE. BRANCO E VERMELHO. PO SITIVO. EU GOSTO DE LARANJA. COR E FRUTA. GOSTO DE LIMA PELO SABOR. NÃO, LARANJA É LARANJA! (ATÉ MARI- LIA) 2ª TARDE: 3:09:82, NºS: 1, 2.

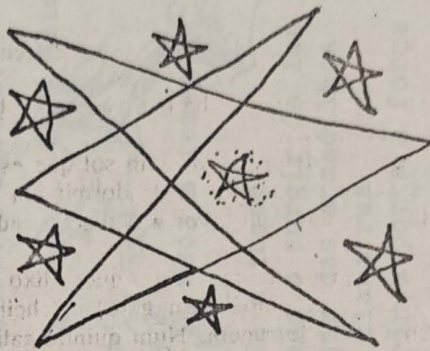
-Você já desceu pra santos de trem? Só, é uma boa, viu?
-Eu curto uma prainha aí, massa... Lá não tem movimento de gente
-É feriado Enlouquece, até Perequê Santos não tive as manhas.

03/08/82



TIROU A PAREDE

CRUSP 17.18 hs... sexta-feira



PRAYNES

-Você sabia que o Guarujá foi do Maluf? Você tem dinheiro, mora, pra comprar carne ali fora, PORQUE COMER ARROZ?
-Um chopinho agora vai ser o canal.
-Vou descolar uma banana aí fora.
-FOI DESCOLAR UMA BANANA NO VIZINHO (OOOIII! ENTÃO MEU, VAMOS.)
-Pode crer, ... Tá limpo, meu. o pes soal tem mais é que entender, vai fazer o que né meu?
-Sóné? Podecrê!
FOI O MAIOR DISCURSO E QDO EU VOL- TO DE TARDE. "FAZ QUE TEUS OLHOS A VANCEM A MODO PODERES...". TELEFO- NE É MELHOR. 4+1=5. ESSE AÍ, A MA- NHA DELE É PASSAR POR MENINO DE BOA ESTIMAÇÃO. É ISSO AÍ. LÁ NÃO.
-Que horas são?
-Palermo é uma cidade em que nin- guem me nota... em todo lugar.... eu acho que já tem bastante gente conscientizada.
-A Sicília nunca aceitou os impos- tos de Roma!
-Nº 1: Eu não sei jogar, mas acer- to algumas vezes.
-Nº 2: Eu estou pensando em ir pra minha casa e seguir o mesmo rotei- ro, escrever um pouco.

DO S. ANDA R

naecos

Vagar

Cada dia que passa você engole uma gota de sal
Você fecha as mãos,
Você curva a cabeça
e contorce sua alma
Você acorda, dorme
Você divaga,
Você acorda e dorme.
Um dia você deixa de ser.
Um dia você se deixa ser.
Às vezes você é
Até quando você nota que nunca foi.
E todo dia é a mesma coisa.
É sempre a mesma coisa
e a mesma coisa
a mesma coisa
a mesma
E você pára e pensa
e não quer que a coisa seja de novo a mesma,
mas então você dorme e levanta
e de novo a mesma coisa acontece mesmo.
Tão estranho saber que também outras pessoas
estejam se esmagando como você se esmaga,
se cortando como você se rasga,
se achando como você se perde.
Todas elas em tempos e espaços distantes
em vozes e murmúrios constantes
Retrucando, retorcendo, retirando e resumindo
todo um ser em apenas ser um mais.

26/06/82

MÁRCIA - 506 - A

TENTAR
Estar estável
não é sinônimo de estar bem
Estar estável
é sentir-se cômodo no seu casulo
Estar estável é não usar energia para questionar
É solucionar no âmbito prático das situações
É procurar o caminho mais curto
que não nos faça sentir confusos
É procurar a resposta provisória
que responde até quando
surge novamente a questão
Questionar é balançar os conceitos em repouso
É ativar o tecido anestesiado
é tirar a casca da ferida
é explodir o hematoma
e ver o sangue verde fluir
A dor inicial é inevitável.
ou se tenta matar a morte
ou seremos eternamente mortos.

MÁRCIA - 506 - A

Maio/82

nada a temer

nada a temer
senão o surgir da lua
fugir das armadilhas
da clara rua
abrir a porta à força duma fuga

longe se vai
correndo demais
mas longe não chega o fim

(Bruno S., pseudônimo de Kasper Hauser)

Meu amigo, colocarei sua vida representada no eixo horizontal formado por pontos positivos e negativos. Considerem-se os pontos positivos como o seu viver cotidiano, que é constituído principalmente por ações elaboradas racionalmente e, algumas, por mero acaso. Observe que o segundo fator determinante não é menos importante que o fator racional.

A vida é organizada pelo conjunto de tecidos. A partir da sua concepção segue-se a linha positiva. A partir daí, o rumo do indivíduo é determinado pelos direcionamentos, opções de dia-a-dia, pelos acasos.

O eixo negativo é determinado pelos direcionamentos que não aconteceram, pelas opções não escolhidas, pelas não consequências. Trata-se de um sistema de possibilidades que, pela lei das probabilidades, determinariam "n" vidas diferentes. Estas reclamam seus espaços e tempos e, como alguém já disse, spiritum eternum est. Este espírito errante na fase positiva, incapaz de extravasar a energia em múltiplos caminhos. Leve e solto no eixo negativo, ele, afinal, existe bem antes da morte. Ou ainda como se lêem um almanaque de um biotônico qualquer: "vivemos à espera da morte", "vivemos e morremos a cada minuto" ou morremos à espera de viver?

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA PLENITUDE

Segue-se por este eixo, tendo-se o zero como tendência à normalidade. Se o gráfico é negativo, imagina-se você como um anacardo, de poucas opções e, quando as tem, não se define nem por outra nem por esta. É o seu ser prisioneiro de sua não vida. De suas não escolhas.

Se o ponto do gráfico assinala o outro lado, você é um ser positivamente vivente. Não consciente de suas outras vidas que reclamam os seus devidos lugares.

Daí que o zero é o ideal. O nada. Não existência? Ou esquecer de viver em função da obstinada procura. De quê? De zero, da morte de um animal racional, errante porque racional.

Vamos para as estatísticas e, otimisticamente, consideremos que você vive cinquenta por cento de seu ser presente. Os outros cinquenta estão depositados no ato futuro: o chegar, o votar, o terminar de comer, o diploma, o gel esperado da tribo nossa de cada embate, o aplauso, o "vamos em paz que o senhor vos acompanhe", a celebração. A essência do ser não consegue estar nós sem por cento presente. Existe o medo de enfrentar-se a si próprio, concebido como a não matéria. A vida orgânica é o elo entre o corpo, composição de tecidos e o espírito, né? Zero, plenitude.

Somos felizes quando obtemos, perplexos, momentos de plenitude. Mas tem-se reservas ao pensar na plenitude maior. Na conscientização do ser errante porque intermediário.

Você se encontrou? Are you sure? Então ba-bau você não existe mais. Seja bem vindo meu nada adorado de minha existência carente que, pouco treça energia com os minerais e vegetais.

"Minegeta-re". Um existir vegetal de um ser minado.

Desapareça! Agora eu vou sair da frente deste espelho.

Edson Benton

A noite o espaço não urge quando estou só.
Na rua sou agredida, assaltada, estuprada, finalmente repudiada-- o ostracismo -- transformada em bruxa.

Antes, feiticeira; depois, bruxa: "Por que ousas afastar-te da Virgem?"

A marginalidade é desgastante.
Apesar da coragem de andar nua, carregando apenas o açúcar e o afeto, o não-reconhecimento rasga a pele.
Continuamos, carregando a nossa força, o nosso açúcar queimado, o nosso afeto inseguro.

Jaz uma mulher (sem orgasmo), ao lado de um corpo que ronca: "Você é forte? Você não é flor."

E então o espaço da noite se encolhe, apertada, sufoca... o que me salva é voltar a estar só.

Vila Madalena, 9/12/81.
Inês 408 F.

Painel da Literatura Marginal será realizado
05 NOV 82, no CRUSP - Sala de Vivência - tér-
do Bloco B, a partir das 19H30.

No ano passado, o Painel aconteceu na FAU, reu-
niu 300 pessoas: poetas, contistas, sociólogos, an-
tropólogos, jornalistas, loucos, visionários, dança-
rinos, todos marginais!

Fruto do impasse, na cultura contemporânea, a
literatura marginal viabiliza a produção independen-
te, e faz chegar ao público através de seus criado-
res uma nova temática: uma visão alternativa, seja
na arte gráfica, no conteúdo, na vida, etc...

O Jornal do Crusp (REFLEXO DOS GATOS...) entre-
vistou Roberto Luiz dos Santos, organizador do Painel.

RG - Roberto, qual a avaliação que você faz do
Painel da Literatura Marginal - 81?

RL - Em primeiro lugar gostaria de fazer um re-
lato de todo trabalho feito pelo Rauer e eu. Fizemos
um projeto e apresentamos ao Chefe do Gabinete do
Reitor que nos encaminhou à Coordenadoria de Assun-
tos Culturais - CODAC. Tivemos vários problemas com
os burocratas dessa coordenadoria pois dentro do es-
quema deles não há espaço para estudantes, sendo
que na maioria das vezes foi o chefe da gráfica quem
definiu o que poderia ou não ser feito. A CODAC im-
primiu os convites-circulares e os volantes, o Gabi-
nete do Reitor enviou os convites-circulares e pa-
gou o fotolito do cartaz, a ECA pagou a passagem do
professor Carlos Alberto da UFRJ. Apesar da demora
no envio dos convites-circulares recebemos grande
número de publicações alternativas, de quase todos
os Estados do Brasil. Todas as pessoas que estive-
ram presentes acharam louvável a iniciativa. A dis-
cussão se perdeu na medida que queriam fazer daque-
le encontro palco de deliberação, no sentido de se
formar uma cooperativa, não com finalidade de dis-
tribuição, mas sim montar um parque gráfico, ou me-
lhor, uma editora alternativa. Como parte do aniver-
sário da retomada do CRUSP foi muito importante, já
que houve boa participação dos moradores. A leitura
dos poemas e a dança combinadas no calor da hora
foram ponto alto do Painei. O caderno do Painei
foi feito pela Carolina e a tiragem pequena dando
apenas para ser distribuído aos que participaram
do Painei - enviando material ou que estiveram
na FAU e deixaram o endereço.

RG - Em 82 como vai ser o Painei?

RL - Para esse ano esperamos receber muitas
publicações, a presença de muitas pessoas, uma vez
que já temos em mãos o material de divulgação e os

contatos já estão quase todos prontos. Este ano o
Painei será no espaço do próprio CRUSP fazendo
parte das atividades referentes ao 3º aniversário
da retomada do Conjunto Residencial.

RG - O rótulo "marginal" não é uma estratégia
para vender mais?

RL - Não sei se é para vender mais, pode ser
para vender. Segundo a tese do prof. Carlos Alber-
to - Retrato de época - poesia marginal - anos 70,
este movimento pode ser definido assim: como uma
saída, uma vez que os circuitos tradicionais es-
tavam e estão fechados para um poeta iniciante.
Para Glauco Mattoso em seu pocket - O que é poesia
marginal podemos ler: "Na verdade, marginal é sim-
plesmente o adjetivo mais usado e conhecido para
qualificar o trabalho de determinados artistas,
também chamados independentes ou alternativos
(por comparação com a imprensa nanica, teórica-
mente autônoma em relação à grande imprensa e
contestadora em relação ao sistema). Dizer que um
poeta é marginal equivale a chamá-lo ainda de sór-
dido e maldito (por causa da noção de antissocial),
mas esses adjetivos soam mais como elogio porque
viraram sinônimos de alternativo e independente."
P. 8. Em O Arco e a Lira, de Octavio Paz, o tema é
abordado assim: "Realmente, o traço distintivo da
Idade Moderna, do ponto de vista da situação social
do poeta, é sua posição marginal. A poesia é um
alimento que a burguesia — como classe — tem sido
incapaz de digerir. Eis porque uma vez ou outra ela
tentou domesticá-la. Só que mal um poeta ou um movi-
mento poético cede e aceita regressar à ordem soci-
al, surge uma nova criação que constitui, às vezes
até sem se propor a isso, uma crítica e um escânda-
lo. A poesia moderna se converteu no alimento dos
dissidentes e desterrados no mundo burguês. Uma
poesia em rebelião corresponde a uma sociedade di-
vidida." p. 48.

RG - Como é que sobrevive um poeta marginal?

RL - Alguns dizem que sobrevivem das publica-
ções que produzem e vendem, mas o que existe é o
mito como este descrito por Reinaldo Moraes no li-
vro Tanto Faz na p. 53: — "Só que pra ser poeta
marginal no Rio de Janeiro é preciso tomar molotov

O título me parece meio estranho a primeira vista, assim como também pode -ou não- parecê-lo ao leitor. Ora, um caramujo, vá lá que vagueie por entre as folhas de sua samambaia, percorra as begônias e até mesmo dê um pulinho no vaso dos cactos, mas chegar ao ponto de uma ação (ir) racional, como partir espontaneamente para a morte, já é demais! Tudo bem, eu aceito críticas e foi por isso, por saber que tal título provocaria controvérsias sobre a qualidade ou não do texto, que resolvi, antes, aqui, nesse primeiro parágrafo, expor minhas hipóteses sobre a resolução do caramujo e a comprovação de que, antes de ser um ato instintivo (que eu saiba os caramujos não procuram a morte comumente), está imbuído de "reflexão" e disposição para "thanathos". E para que minha tese tenha uma maior clareza, explanarei ponto a ponto, desde meu primeiro contato com ele, até a manhã em que o vi morto sobre o taco no canto do quarto.

No primeiro momento pensei que fosse apenas uma pedra, dessas que sempre vem junto com a terra, de formato estranho. Olhei atentamente e vi que a pedra se locomovia lentamente e que de uma de suas extremidades, se é que as possuía, emanavam dois pequenos filetes pontiagudos. Ora, ora só poderia se tratar de um caramujo, ou não?... Fiquei a observar a coisa por mais alguns minutos, curioso por saber o que fazia tão solitário (a) por entre as raízes que emergiam da terra. Por alguns instantes pensei que se alimentava, mas ao perceber que ao se locomover deixava um rastro luminoso atrás de si, tratei logo de trocar a primeira idéia por uma mais transcendente. Digo transcendente pois o lume viscoso brilhava muito e notava-se, ao olhá-lo mais atentamente, que ele penetrava na terra, na tentativa talvez de emitir algum sinal, que logo que o produtor não existisse mais, se perpetuasse por mais um ou dois dias, até a chegada do receptor.

O leitor deve achar absurdo eu me aprofundar instantaneamente ao observar o fato numa expli

O CARAMUJO SUICIDA

cação tão mirabolosa. Lume viscoso, brilho excessivo, perpetuação de sinais, de onde esse cara foi tirar tais coisas, devia estar em outro planeta! pode parecer incrível, metafísico, surpreendente, mas sensibilizou-me o fato e mesmo eu saí após a observação um pouco desorientado; de onde eu teria conseguido captar tais mistérios?

Somente anos após, talvez dois ou três, é que consegui obter a resposta. Durante esse tempo, eu ficava horas a matutar sobre aquilo e, sempre que podia, corria até o xaxim para constatar o lume e ele lá estava, mas o caramujo eu não conseguia localizar. Olhava por um lado, por outro, por entre as folhas e nada, havia sumido!

Aconteceu a tarde. O dia estava cinzento e uma chuva fina molhava os telhados que eu bem avisto daqui da janela do quarto. Gosto de ficar por minutos observando a chuva, sinto que temos algo de diferente onde os opostos se completam. Estava quase rarefeita a atmosfera chuvosa quando ela atravessou ligeira a janela e surpreendeu-me o fato de dirigir-se sem meias-voltas ao vaso que eu estivera dias atrás a observar. Quando se situava em algum ponto do vaso, "parou no ar" e agitando levemente suas asas deixava cair sobre o solo um pó igualmente luminoso ao lume do caramujo. Nesse instante corri até o vaso para vislumbrar o local exato onde se encontrava a mariposa e ela assustada saiu por onde antes entrara. O pó deixado por ela revelava toda a listra que antes havia e a fusão das co

res fazia com que o rastro brilhasse ainda mais. Fiquei maravilhado com o visual e por minutos me senti pesado e muito forte, de tal forma que com muito custo consegui transportar o vaso até a janela e deixar, quase que por um comando sobrenatural, que a fecundação ocorresse longe de minhas vistas. Tentei me esquecer do que aconteceu, nos dias seguintes, por achar que o fato fugia do campo das explicações racionais. Foi então que meses após, ao me aproximar novamente do vaso notei que o brilho desaparecera e dava lugar a formas de vida pareci-



das com a primeira "pedra" que eu avistara.

E, somente hoje, anos após o acontecido, é que eu relembro e transcrevo esse fato curioso. É somente hoje que eu me lembro do seu cadáver sobre o taco e somente hoje eu consigo decifrar todo o mistério, ao ver que os vasos estão cobertos de rastros luminosos, o chão de cadáveres e o quarto de mariposas.

PAINEL DA LITERATURA MARGINAL



05 NOV. 82

19H30

promoção: CRUSP Conjunto
Residencial
da USP
CASA DE ESTUDANTES
SOBRETUDO UM MELHOR VIVER

Sala de vivência
bloco B

nas canaletas e jogar a carteira de trabalho na baía da Guanabara. Não tenho peito pra isso, meu lado amanuense Belmiro é muito forte, você sabe. Poeta marginal carioca, positivamente, não dá pé. Já contista mineiro, quem sabe." Se bem que viver de literatura neste país somente poucos conseguem e cito alguns nomes: Jorge Amado, Ignácio de Loyola Brandão, João Antonio.

EG - Como fica a questão da organização dos marginais?

RL - A participação se dá quer a nível tradicional - Bienais, ou alternativo - Painéis. Nestes eventos os poetas organizam-se individualmente ou em grupo, existem grupos que atuam como produtores: Pindaíba, Poeco só-poesia, Poetasia, (SP); Trota (RJ); Pirata (PR). A distribuição se dá em diversas cidades, aqui cito alguns locais - Bienal Internacional do Livro, Bienal Nestlé, Canto Livre e Pannel da Literatura Marginal (SP); Feira de Literatura Independente (Santos) e Projeto Centro de Cultura Alternativa (RJ).

EG - Fala-se que a poesia marginal, em geral, é de má qualidade você concorda?

RL - Eu não concordo na medida que a produção que se faz hoje, mesmo sendo a denominada marginal é POESIA tal como a feita pelos movimentos: modernista; geração 45; concretista; tendência; praxis; processo e tropicália. Pra que qualificar a poesia, isto é coisa de "crítico" de jornal ou universidade!

EG - Você é um poeta, desde quando?

RL - Sou poeta, desde 1967.

EG - O que você já publicou?

RL - Editei o livro Palavra Y Estigma - 80; a

revista Viva Eu - Carnaval de 81; o folheto RYLV3 - 82; a publicação OS Muros OS Espelhos Teus Lábi OS VERNELHOS - inverno 82 e estou trabalhando a revista RYLV5, que está quase pronta.

EG - Qual o objetivo de se fazer o Pannel da Literatura Marginal aqui no Crusp?

RL - O objetivo é que existe aqui no Crusp muitos moradores que fazem suas publicações - livros, revistas e folhetos através do sistema marginal. Este espaço como foi retomado é tido como ocupado por estudantes da USP, mas estes são considerados como senão existissem enquanto moradores dentro da estrutura da burocracia universitária. Um evento desse porte tem muitos significados como: de se comemorar a cada aniversário do Crusp um pannel de literatura, onde haja espaço para todos que produzem seus trabalhos e os divulguem. Promover vivência na medida que este ponto sempre é colocado mas nunca viabilizado. Fazer com que muitas pessoas venham até este Conjunto Residencial e que possam se inter-relacionar cada um a sua maneira. Mostrar aos burocratas culturais da USP que quase toda sua programação pouco nos interessa. E que o custo de certas realizações de alunos e professores valem a pena na medida que terão a resposta pela grande participação da comunidade universitária e de fora tão ávidos por eventos livres e gratuitos.

